

COLUMBANO

«Grande psicólogo», Columbano não conseguiu jamais realizar a semelhança nem o carácter, dos seus modelos. Não há mesmo, nos seus retratos, vida interior, projecção exterior de almas, fulgurando nos olhares, fremendo nas epidermes, nas bôcas túmidas; nem até, como em Whistler, essa irradiação de alma estática, em tranqüilo repouso de concentração, de vago sonho que paira, indefinido. Em Columbano o retrato aparece com a alma ausente, a expressão anulada. O artista reveste o modelo com a roupagem da sua «maneira», sujeita o carácter do modelado ao seu *parti-pris* de factura e o conjunto à sua visão harmónica e surda do colorido; o modelo é o tema d'este desenvolvimento harmónico, que o envolve, que o disfarça, que o encobre, que o aniquila: não é o centro anímico e espiritual de onde irradia a sua alma. Pouco a pouco, em face do cavalete, insensivelmente arrastado pela sua visão e na procura da sua expressão, o artista esquece o modelo, o seu carácter e psicologia: vê-a através dum *écran*, na sua concepção da *veladura*, que procura mergulhar tudo na névoa do harmonismo. Uma cadeira cujo verniz brilha na penumbra; os panejados cuja epiderme se amortece de irisações subtis; uma faiança que se afoga em trevas, ou metais que lampejam, são elementos que o artista trata no mesmo sentido que a fisionomia: esta não é mais do

que um detalhe do conjunto, e êste não é mais do que uma natureza morta sofismada.

Sem dúvida, Columbano procura muitas vezes imprimir um carácter de rebusque literário aos seus retratos; sem dúvida o artista procura muitas vezes sugerir o difícil e deixa suspeitar transcendências, super-visões psicológicas e uma reticência que se dirige aos espíritos eleitos, aos que sabem ver acima e para além do perceptível... Mas é a eterna história do «Rei vai nu»... Na realidade, tudo isto é ilusão, talvez sincera, mas cruamente verídica: — os retratos de Columbano, como dizíamos, são apenas *naturezas mortas*.

E, como naturezas mortas, as suas telas são por vezes páginas duma grande beleza harmónica e intimista. Na sua delicada harmonia de cinzentos-verdes, o retrato de Teixeira Gomes (não oficial) é disso um exemplo sugestivo. A luz velada, irreal, com o mistério íntimo da luminosidade difusa dos interiores, tudo acaricia brandamente em veladuras cendradas; os objectos, que rodeiam a figura, mais se deixam sugerir do que se mostram, e afloram aqui por um lampejo, acolá por uma indicação que foge, mais além por uma modelação que se não define. Todo o quadro tem o colorido precioso dum *bibelot* antigo, duma velha tapeçaria ou sêda chinesa, morta na magia dos seus verdes de oiro, na